

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## COMO SER UM DISCÍPULO DE JESUS NO TRABALHO

TRAEGER, Sebastian; GILBERT Greg. **O Evangelho no trabalho: servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito.** Tradução de Waléria de Almeida Coicev. São José dos Campos: Fiel, 2014. 216 p.

Delize Gabriela Grando<sup>1</sup>

O autor Sebastian Traeger é empresário na área de web há mais de quinze anos. É co-fundador da FiveStreet.com, Razoo.com, Christianiaty.com e Silas Partners. Também serve como presbítero na Capitol Hill Baptist Church, em Washington D.C. Greg Gilbert é mestre em Divindade pelo Southern Baptist Theological Seminary. É pastor da Third Avenue Baptist Church, em Louisville, além de ser autor de outros livros. Na obra, os autores trazem um esclarecimento de como o trabalho se encaixa em toda a história e qual é o propósito de Deus para ele. Em todo o livro, são abordadas duas formas errôneas de lidar com o trabalho: a indolência e a idolatria.

No capítulo um, os autores abordam sobre a “idolatria no trabalho”. Na sociedade de hoje, é fácil fazer do trabalho um ídolo, já que a cultura pressiona para que o homem seja bem-sucedido. Quando a pessoa tem o trabalho como a principal satisfação ou faz uma excessiva busca pela excelência, está fazendo do trabalho um ídolo. Ao fazer isso, o homem sempre irá buscar por *algo mais* para se satisfazer, mas nunca conseguirá. Isso é um perigo espiritual fatal, pois toda a adoração e satisfação deve ser dirigida somente a Jesus. Porém, ao reconhecer a idolatria do trabalho e fazer dele um ato de adoração à Deus, não haverá necessidade de mais nada.

<sup>1</sup> A autora é graduada em Design Gráfico pela UNIVALE e é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [delizegg@gmail.com](mailto:delizegg@gmail.com)

Na sequência, é tratado sobre a “indolência no trabalho”. Ao contrário da idolatria, a indolência faz com que a pessoa veja seu trabalho como um meio para servir suas próprias necessidades, esquecendo do propósito de Deus, e ainda, desassocia a vida cristã. Porém, tudo deve ser ato de adoração a Deus, seja na igreja, no trabalho ou em casa. O trabalho importa, e muito, a Deus. Ele deseja usá-lo para glória do seu nome e para fazer o bem às outras pessoas. Tanto a idolatria como a indolência são pecados, que devem ser abandonados para que cada um possa se comprometer com os propósitos de Deus para o trabalho.

Como verdadeiros cristãos, que possuem uma vida pertencente a Jesus, todas as áreas da vida possuem um novo significado, inclusive o trabalho. Trabalhar para Jesus, e não para outras pessoas, faz com que o trabalho seja visto de outra perspectiva, como uma nova forma de pensar que leva a uma liberdade de adorar a Deus por meio do trabalho, servir aos outros de todo o coração e de confiar em Deus no trabalho, pois Ele está no controle. Dá a liberdade para descansar do trabalho, assim como o próprio Deus descansou, e de fazer o trabalho bem feito e ter a alegria, pois Jesus é a maior motivação. A diferença do Evangelho no trabalho não está no que é feito e, sim, na liberdade desfrutada no ambiente de trabalho. É fato que trabalhar para Jesus muda tudo.

No capítulo quatro, Traeger e Gilbert trazem seis propósitos para incentivar a que o trabalho seja feito de todo o coração. Em primeiro lugar, trabalhar para amar a Deus, tanto no trabalho, como por meio dele. Trabalhar para amar aos outros, que motiva a fazer um bom trabalho, esforçando-se, não só pelo próprio bem, mas pelo de todos que estão ao redor. Também, trabalhar para refletir o caráter de Deus por meio das atitudes. Trabalhar pelo dinheiro, para prover tanto à família quanto para outros. Trabalhar pelo prazer, que vem da alegria dada por Jesus, e ainda, para apoiar o evangelho de Jesus por meio do modo de trabalhar e viver. O mais importante não é *o que* é feito, mas sim *para quem* é feito.

Seguindo, os autores falam da escolha do emprego. A idolatria e a indolência também podem estar envolvidas na hora da escolha. Para que não aconteça, é necessário que a escolha esteja baseada nas prioridades corretas: em Deus, nos outros e na própria pessoa (nessa ordem). Na prática, para que essa ordem de prioridades seja seguida, é preciso fazer três perguntas e responder *sim* a elas para que a oportunidade de emprego seja uma opção real: “Esse emprego glorifica a Deus?”; “Esse emprego permite viver uma vida piedosa?”; “Este emprego provê as necessidades da família e de outros?”. Porém, acima de tudo, é preciso confiar em Deus; afinal, empregos são temporários, mas Ele é eterno.

No sexto capítulo, os autores discorrem sobre como manter o equilíbrio entre o trabalho, a igreja e a família. A obrigação primordial é o chamado de seguir a Jesus. E é essa maior responsabilidade que organiza e define todas as responsabilidades secundárias (família, igreja e trabalho), mas que continuam ligadas à primeira. Elas não devem ser feitas de maneira indolente nem idólatras, mas com fidelidade para que frutos possam ser produzidos.

A maneira de como lidar com o chefe e os colegas de trabalho, segundo os autores, deve ser de uma percepção de que Deus está observando, sempre lembrando que todos são chamados para servir ao próximo. Isso é demonstrado quando há determinação de não reclamar, agir em submissão alegre à autoridade, com humildade não fingida e não usar a

competitividade para rebaixar os outros. É preciso sempre buscar entender como Deus deseja que seja a reação em cada circunstância.

Além da maneira de como lidar com o chefe, os autores colocam princípios do que significa ser um chefe cristão. Segundo eles, a autoridade vem de Deus e deve servir e abençoar os outros; não pode ser abusiva, mas imitar a autoridade de Jesus, além de ser sacrificial. Ao exercer autoridade é preciso fazê-la de tal maneira que Jesus seja glorificado entre todos.

Os autores também colocam como é possível compartilhar o evangelho, sem que ele seja afetado pela idolatria e a indolência. É preciso sempre fazer um bom trabalho, deixar-se conhecer como cristão, construir relacionamentos além do trabalho, envolver pessoas da igreja com pessoas do trabalho, ter uma mentalidade de “campo missionário” em relação ao trabalho, sempre ser sábio e cativante. E, assim, estar atento às oportunidades.

Por fim, no último capítulo, Traeger e Gilbert abordam se o ministério integral tem mais valor que outro emprego. Eles afirmam que não. Todos têm a mesma responsabilidade primordial de *seguir a Jesus*. É preciso entender que todos trabalham juntos, harmoniosamente, como um corpo. Cada um tem sua função e ninguém é mais importante que outro. A questão sempre deve ser o fazer o que Deus chamou para fazer e fazer isso bem feito.

O livro é uma leitura altamente recomendável para todo cristão. Traeger e Gilbert trazem questões que devem ser observadas por todos. Eles mostram que ao entender o real propósito do trabalho, percebe-se que ele não é um fardo a ser levado, mas um dos principais meios pelos quais Deus deseja usar as pessoas. Essa perspectiva correta transforma a maneira de todos trabalharem. O livro traz exemplos práticos de como integrar o trabalho e a principal identidade do homem: ser discípulo de Jesus.